

# EDUCAÇÃO HUMANIZADORA: DESAFIOS DA CONTEMPORANEIDADE

Marcela Candido Batista <sup>1</sup>  
Patrícia R. Ornellas Leite <sup>2</sup>

## RESUMO

O presente artigo tem como finalidade propor uma discussão e reflexão sobre os desafios da educação humanizadora na contemporaneidade. Por ter uma importância vital no processo educativo da pessoa, a Escola tem por objetivo desenvolver as faculdades físicas, intelectuais e morais do ser humano, além de promover um desenvolvimento pessoal, com a finalidade de uma melhor integração na sociedade. Na contemporaneidade percebe-se que esse objetivo está um pouco distorcido, rotulando o potencial do aluno a uma nota específica e não avaliando o aluno como um todo. Portanto, aprofunda-se o olhar sobre o ato de educar, que não é conhecido simplesmente como uma reprodução de sistemas de ensino, mas passa pela compreensão da formação cognitiva/emocional por meio de uma educação humanizadora. A pesquisa bibliográfica teve apoio em autores como Arroyo, Bauman, Paulo Freire e outros que colaboraram para o entendimento e o desenvolvimento das ideias contidas neste artigo.

Palavras-chave: Educação, contemporaneidade, humanidade e humanizadora.

## INTRODUÇÃO

Educar em nenhum momento da história da humanidade foi uma tarefa fácil, simples ou insignificante. Passaram-se anos, décadas, séculos e ainda passarão muito mais e essa verdade continuará sendo a mesma. Por sua vez, a Escola tem uma importância vital nesse processo educativo da pessoa.

Entende-se a Escola como instituição que se dedica ao processo de ensino e aprendizagem entre professor e aluno. Ela tem a função/missão de desenvolver as faculdades físicas, intelectuais e morais do ser humano, além de promover um

---

<sup>1</sup> Graduação em Filosofia e Teologia na Pontifícia Università Urbaniana, em Roma (Itália). Mestrado em Teologia Espiritual, Pontifícia Università Teresianum, em Roma (Itália). Pós-Graduação em Gestão escolar, supervisão e orientação pela Faculdade Novo Milênio. cursando o último ano de Licenciatura em Pedagogia no Centro Universitário Uninter.

<sup>2</sup> Graduada em Pedagogia pela FAVI. Pós-graduação em Gestão do trabalho pedagógico (Facinter – Faculdade Internacional de Curitiba). Pós-graduação em Gestão escolar integrada, supervisão, orientação e administração - Faculdade Novo Milênio. Coordenadora do Núcleo de Educação à Distância (NEAD) da Faculdade Novo Milênio.

desenvolvimento pessoal, com a finalidade de uma melhor integração na sociedade.

Para Spagolla (2016):

[...] pressupõe-se a escola como um espaço de reflexão, fomentando discussões acerca de sua função no movimento de construção e transformação da sociedade, empenhada no compromisso de ampliar o alvo de abrangência pedagógica, atingindo elementos sólidos na proposta da constituição integral da pessoa, como sujeito de si mesmo e da sociedade. (SPAGOLLA, 2016, p.5)

O contato cotidiano com alunos, professores e funcionários dos mais diversos segmentos e serviços fez nascer o desejo de aprofundar a reflexão sobre a função/missão da Escola, com particular atenção à educação *humanizadora* nela proposta.

Partilhando o cotidiano escolar vivenciado, percebeu-se que não basta estar nesse ambiente para ser significativo; não basta ser contratado para exercer com dignidade uma *profissão*; não basta “passar” conceitos para que os alunos saiam detentores de algum conhecimento; não basta estar em uma sala de aula para crescer na vida; tampouco basta dizer que é *professor* para que seja, de verdade, mestre.

Para isso, é importante situar o contexto do qual se parte: a contemporaneidade. Nosso tempo histórico é carregado de significados, implicações e determinações para a vida cotidiana. Somos tempo, sociedade e, com a educação, não poderia ser diferente, mas, ao mesmo tempo, ela tem o poder de transcender, pela reflexão madura e responsável, ao próprio tempo e apontar novos horizontes.

Dentro deste cenário desafiador, é proposta uma reflexão sobre o papel da Escola na humanização e integração da pessoa. Dentro de cada momento histórico, existem novas perspectivas, desafios e possibilidades. Há consciência de que não é possível exaurir a argumentação sobre o tema, mas é importante oferecer esta reflexão às muitas pessoas que desejam trabalhar de maneira séria, responsável e dedicada na educação das gerações futuras, formando pessoas capazes de serem “humanas”.

**CONTEMPORANEIDADE, QUE MOMENTO É ESSE?**

Todo tempo histórico apresenta suas próprias nuances, características e complexidade, mas o que vivemos nas últimas décadas certamente não tem precedente na história da humanidade. A expansão tecnológica, a globalização e a nova compreensão de tempo e espaço são algumas das características-vetores que nos revelam os caminhos atuais.

Certamente a popularização dos meios de comunicação sociais, como a televisão, além da expansão da telefonia fixa, do surgimento da telefonia móvel e da internet, do advento do computador, das comunicações via satélite e da maior eficiência e fácil acesso aos meios de transportes, afetou para sempre a vida humana, não somente no que poderíamos nomear como “facilitadores”, mas como modificadores dos padrões de vida, comportamentos, relacionamentos e ética. As consequências disso são muitas: o narcisismo, o individualismo, o hedonismo, a superficialidade, a falta de sentido existencial, a ansiedade, a angústia, o tédio, o consumismo, dentre outras.

A contemporaneidade tem a marca de um profundo consumismo. Debord (2003, p.13) chama de “sociedade de consumo ostentatório e do espetáculo”, com a busca do prazer incessante e a obsessão pela imagem perfeita, de corpos e almas, tudo isso reforçado pelas ilusões farmacológicas para regular o mal-estar. Já Bauman (2007, p.71) a chama de “sociedade de consumidores”.

Os consumidores são bombardeados de todos os lados por sugestões de produtos que precisam ter, se quiserem ter a capacidade de alcançar e manter a posição social que desejam desempenhar, de cumprir suas obrigações sociais e proteger sua autoestima. Além de o mercado cultivar o excesso de mercadorias consumidas e o anseio de cultivar os desejos, a economia consumista configura-se como a economia do engano, que aposta na irracionalidade dos consumidores, e não nas suas estimativas sóbrias e bem informadas.

Há também uma “cultura do narcisismo”, segundo propõe o historiador Lasch (1983, p.32), para a qual o que importa é a exaltação gloriosa do próprio eu; uma cultura na qual não há lugar para a existência do amor e da amizade, pois o que interessa a cada um é o gozo predatório sobre o outro e sobre o seu corpo, que é tratado como um anônimo qualquer, sem rosto. Existe a valorização social do narcisismo, “na

medida em que a mercantilização, no contexto do consumo, promove a aparência a valor máximo e vê o autodesenvolvimento acima de tudo em termos de exibição” (GIDDENS, 2002, p.185).

Estritamente relacionado ao narcisismo, temos o hedonismo, que reduz a vida à busca de prazer, independente das dimensões éticas ou diferenças individuais. O resultado disso é um sujeito excessivamente individualista, focado no culto ao prazer, ao corpo e à aparência.

O estético saiu das igrejas antigas, dos museus e das galerias de arte e invadiu o cotidiano, e isso é bom, pois significou uma forma de democratização. É compreensível que as pessoas estejam mais sensíveis ao aparente e se extasiem com o belo. A questão é quando o estético substitui o ético. Passa a ser considerado bom aquilo que é produzido, de forma artificial, como beleza, a serviço do consumo. Essa busca se torna patológica, em alguns casos, por assumir um caráter compulsivo.

Outra marca do tempo em que vivemos é o de ser repleto de incertezas, em que o relativismo reina em todos os lugares. O que era absoluto passou a ser relativo, e o relativo se tornou absoluto, sobretudo na ética. Mas, ao mesmo tempo, encontramos muito fanatismo e intolerância religiosa e política, por exemplo.

Nessa perspectiva, também é importante citar que o sujeito contemporâneo é afetado pela “cultura de massas” (JUNIOR, 2011, p.5). O pensamento massificado circula livremente através da televisão, rádio, cinema, imprensa e internet. Na sociedade midiática, da imagem e da simulação, só existe o que aparece.

O indivíduo, que exige sua identidade e unicidade, na sociedade de consumo e da mídia, luta contra a homogeneização. Ao refletir o pensamento de Giovanetti, a esse respeito, Junior (2011) afirma que:

A originalidade e criatividade de pensamento e opinião é uma tarefa árdua ao sujeito, e a dimensão de profundidade e interioridade é desvalorizada em nome do que é superficial e efêmero. (GIOVANETTI, 1999). O resultado é um sujeito esvaziado de sentido pessoal, que flutua ao sabor das notícias, programas, opiniões e teorias do momento. (JUNIOR, 2011, p.8)

Esse sujeito tem que lidar constantemente com a saturação de informações. A cada instante, sua vida é invadida pelas últimas notícias, as últimas tecnologias e as últimas propostas de tudo. Assim, as pessoas têm que estar atentas e preparadas a todo tempo, em busca de cursos, atualizações, graduações, pós-graduações, doutorados etc.

Contudo, mesmo com toda essa preparação, vive-se em uma sociedade de risco. Risco do efeito estufa, da falta de água potável, do aumento da violência urbana, do aumento do desemprego, das endemias e pandemias, do aumento da depressão, dos suicídios e muitos outros (BECK; GIDDENS; LASH, 1997, p.15).

Esse sujeito contemporâneo é um “homem light”, ou seja, “aquele homem sem substância, sem conteúdo, entregue ao dinheiro, ao poder, ao sucesso e ao gozo ilimitado, sem restrições” (GIOVANETTI, 1999, p. 164 *apud* ROJAS, 1996).

Todo esse quadro aponta para uma vivência complexa e difícil, pautada por ansiedade, desorientação e falta de sentido último de existência, mas não se pode esquecer que a contemporaneidade também tem seus aspectos positivos.

Então, Afonso Murad apresenta alguns que valores são positivos, se desenvolvidos em perspectiva humanizadora, ou seja, voltada para a evolução da humanidade e compreendida de forma coletiva, para além do indivíduo. São eles:

**Leveza:** consiste em cultivar a gratuidade, a alegria, o contentamento, e o senso de humor como elementos decisivos na vida, em contraposição ao pessimismo e ao perfeccionismo. A leveza é um contraponto às exigências demasiadas do mercado, baseado na competição e nos resultados (MURAD, 2011, p.2-3).

**Flexibilidade:** a pessoa aprende a relativizar o que antes parecia intocável e inquestionável. Critica a rigidez dos códigos de comportamento, especialmente das religiões tradicionais, e descobre o valor do diálogo (MURAD, 2011, p.3).

**Cotidianidade:** há um desejo de simplesmente viver o hoje, sem excesso de preocupação com o futuro (MURAD, 2011, p.3).

**Estética:** desenvolve-se a sensibilidade ao belo em várias instâncias, desde as embalagens até o corpo humano, contemplando-se, também, o design da casa e da

cidade. Abre-se oportunidade de uma nova síntese entre a bondade e a beleza, se a aparência é uma porta de entrada para o ser que se manifesta (MURAD, 2011, p.3).

**Corporeidade:** o respeito e a valorização do corpo. Critica a violência física contra os fracos, especialmente as crianças e as mulheres. Após séculos de negação, abre-se a possibilidade de uma visão unificadora de corpo-espírito. O corpo é a expressão carnal da pessoa e de seu mistério (MURAD, 2011, p.3).

Outro caminho para a evolução da humanidade é a educação. No meio de todo esse peregrinar da história humana, a educação sempre teve sua vocação e missão, e não poderia ser diferente na contemporaneidade.

## **A EDUCAÇÃO NA CONTEMPORANEIDADE**

Já se foi o tempo em que as pessoas conseguiam vencer na vida sem a necessidade de sentar-se em um banco escolar ou universitário, nem que fosse para fazer o antigo “primário”.

No atual tempo histórico, existem possibilidades nunca vistas e várias são as teorias, estudos e pesquisas no campo da educação, ao longo das últimas décadas: a elaboração de novos métodos e pedagogias; maiores possibilidades de formação dos profissionais envolvidos na arte de ensinar e de gerir o mundo da educação. Esses são os frutos de muita luta, suor e determinação de muitas pessoas.

Um olhar superficial ou puramente otimista, entretanto, poderia fazer surgir a afirmação de que a contemporaneidade trouxe, para a educação, marcas tão positivas, a ponto de as pessoas serem extremamente bem *atendidas* e estarem *satisfeitas* pelas oportunidades e novidades. Por exemplo, a globalização dos saberes em tempo real e a multiplicação de escolas e universidades, inclusive em plataforma *on-line* e a distância, revolucionaram o mercado e a possibilidade de dar um futuro às pessoas. Dessa forma, o perigo é aquele de transformar a educação em mais um expoente do capital com o rigor da filosofia empreendedorista.

No cotidiano educacional constata-se um movimento entre o “já” e o “não ainda”. O futuro chegou, mas nem tudo se acertou. Têm-se novas perspectivas pedagógicas,

mas ainda existe a dificuldade em lidar com elas. Têm-se novos modelos didáticos de educar, mas não se consegue sair totalmente da “educação bancária” (FREIRE, 1987, p.68); “[...] Temos diante de nós um novo aluno, um novo sujeito histórico, mas, em certa medida, guardamos como padrão pedagógico a imagem daquele aluno submisso e temeroso [...]” (AQUINO, 1996, p.43).

Nas escolas, é feito, por exemplo, o uso das novas tecnologias de informação e comunicação, contudo, na maioria das vezes, não se consegue apropriar-se delas, pois são utilizadas simplesmente para transmitir conhecimentos. O aluno de hoje não só consome informação e conhecimento, mas é, também, produtor desses. O professor não é mais aquele que “sabe tudo”, e o aluno, aquele que “não sabe nada”.

Aqueles alunos dóceis, que tinham na escola o único local para ter acesso a informações e viam exclusivamente no professor aquele que poderia lhes abrir as portas para o mundo, têm agora a sua disposição redes de comunicação, descobertas cotidianas vistas nas suas casas...Muitos, e sempre mais, têm acesso à internet, comunicando-se, via e-mail ou telefone, com os mais diversos locais do mundo, intercambiando informações, conhecendo outras culturas, fazendo amigos, trocando ideias...as crianças e os jovens tornaram-se cidadãos do mundo. (HENGEMUHLE, 2011, p.53)

Existe um clamor para a substituição da visão educacional tradicional por uma com enfoque alicerçado em processos de construção do saber, com ênfase no aprender cotidianamente ao longo da vida, pois

Educar é fazer emergir vivências do processo de conhecimento. O produto da educação deve levar o nome de experiências de aprendizagem e não simplesmente aquisição de conhecimentos supostamente já prontos e disponíveis para o ensino concebido como simples transmissão. (ASSMANN, 2001, p.31)

Demo (2009. p.73) assegura que, ao continuar aprendendo, o professor pode transformar sua sala de aula em laboratório ou contexto, levando-o a desenvolver novas formas de ensino e de aprendizagem. Para o autor, o docente necessita perceber que o seu repertório de conhecimentos é valorizado e, no cotidiano da sala de aula, sentir-se estimulado e suficiente para dar um estatuto educacional para todos os conteúdos presentes na escola. Nesse sentido, adverte que:

Provavelmente vai morrer também o diploma definitivo, entrando em seu lugar algo provisório. A própria corrida cada vez mais frenética dos profissionais atrás de atualização comprova que seus diplomas secaram. Talvez seja o caso de manter a porta sempre aberta para a reconstrução do

diploma, dentro da ideia de que é fundamental fazer-se membro vitalício da comunidade universitária de aprendizagem. O estudo não gera tantos produtos, quanto processos inacabados e inacabáveis de formação aberta. E isso também dilui, em parte, a figura do professor acabado. No mínimo, sai do centro. (DEMO,2009. p.73)

Na contemporaneidade, Moran (2007. p.11) afirma que “[...] a sociedade está caminhando para ser uma sociedade que aprende de novas maneiras, por novos caminhos, com novos participantes (atores), de forma contínua”. O autor acrescenta que “[...] a educação escolar precisa, cada vez mais, ajudar a todos a aprender de forma mais integral, humana, afetiva e ética, integrando o individual e o social, os diversos ritmos, métodos, tecnologias, para construir cidadãos plenos em todas as dimensões”.

Na contramão dessa necessidade, existem outras características e realidades no cenário contemporâneo das escolas, como vandalismo, ameaças aos professores, agressões físicas e verbais entre alunos, além de rebeldias e situações de conflito. Esse problema é um desafio, porque há vários aspectos importantes a serem atacados ao mesmo tempo, tais como a quebra de disciplina e autoridade – que começam em casa –, sem as quais a escola não funciona, a desestruturação da família, as carências sociais, a falta de perspectiva profissional para os jovens, em contraste com a sedução das drogas e do tráfico, e a difusão da cultura da violência. Não se pode esquecer, também, de que esse tipo de violência não é exclusivo das regiões e populações mais carentes.

Há a desvalorização do professor. Em outros momentos históricos da sociedade brasileira, os professores eram valorizados e respeitados por todos os segmentos da sociedade, pois eram tidos como detentores do saber, capazes de alavancar sonhos e salvar vidas que, para a sociedade, estavam sem rumo e perdidas (FLACH & BEHRENS, 2016).

Segundo Freire (2014), o papel do professor é de desafiador, capaz de promover a educação como prática de liberdade, e tem como função combater um naturalismo histórico que desconhece a historicidade do homem como fazedor de sua própria história. O professor é aquele que tem uma prática progressista que tende a desenvolver, junto aos alunos, uma capacidade crítica, a curiosidade para perguntar, conhecer, atuar e reconhecer, além de estimular a insubmissão e a indocilidade.



Hoje, esse mesmo profissional experimenta a baixa remuneração, muitas vezes inferior ao básico necessário para custear suas contas pessoais e reciclagens de formação; salas de aula com infraestrutura precária e superlotação; sua autoridade é questionada por pais e alunos; há falta de respeito e indisciplina, muitas vezes, resultando até mesmo em agressões físicas e psicológicas; carga horária exaustiva; a cobrança por resultados é cada vez maior, independente das condições de trabalho, dentre tantas outras dificuldades enfrentadas pelos professores.

Sabem-se que não há, por parte dos governantes, intenção real para mudar esse cenário atual da educação, afinal, promessas de mudança nunca saem do discurso. E, dessa forma, os professores se veem ladeados entre o que desejam e o que de fato podem ser ou fazer; ou seja, confirmam o despenhadeiro que existe entre os ideais e a realidade profissão.

Percebe-se que muitos são os avanços na educação contemporânea, assim como seus desafios, o que leva a uma educação, algumas vezes qualificada em questão de conhecimentos, mas que perde o seu sentido real, que deveria ser “a formação integral do indivíduo, bem como, [...] prepará-lo para o espírito de liderança, de consciência crítica, ética e moral, para que ele possa aprender a viver e conviver em sociedade, de forma consciente, ativa, participativa, discernindo o certo do errado, diferenciando bem de mal e, assim, transformar-se em um cidadão íntegro e de respeito” (STOCHI, 2016).

## **EDUCAÇÃO E HUMANIDADE**

Na sociedade, existe consenso em dizer que a pessoa é um ser social dotado de sensibilidade, com inteligência e vontade propriamente humanas. Dessa forma, é com formação contínua, aquisição da cultura e interação que ela passa a ser participante e transformadora do mundo que está à sua volta.

A escola é fundamental nesse processo, pois é onde a pessoa tem contato com uma gama de processos qualitativos capazes de mediar conhecimentos e possibilitar relações importantes para educá-la integralmente (cf. LIBÂNEO, 2014, p.23). Ou

seja, educar para a vida em comum a partir da “assimilação ativa dos conteúdos” (VIGOTSKY, apud LIBÂNEO, 2008, p.3) e de relacionamentos positivos.

A adjetivação da educação como “humanizadora” dá um sentido a mais à sua missão. A educação é feita por e para pessoas que são ditas humanas, detentoras de uma realidade ontológica de serem constituídas como nós de relações, abertas ao futuro, capazes de apreender conceitos e reelaborá-los também a partir de suas realidades, possibilitadas e potencializadas a ‘serem mais’ (cf. FREIRE, 1969, p.127). Dessa forma, toda educação que não ajuda a pessoa a realizar a sua vocação ontológica de ser humana, deixa de ter sentido, já que todo conhecimento só tem significado no serviço à pessoa humana.

Para Paulo Freire, o caráter renovador da educação está no caráter intrinsecamente renovado de toda a relação humana, entre humanos. Formamo-nos no diálogo, na interação com outros humanos, não nos formamos na relação com o conhecimento. Este pode ser mediador dessa relação como pode também suplantar essa relação. (ARROYO, 2001, p.47)

Ainda se tratando do ato de humanizar:

Educamo-nos, obviamente, na relação, na interação, no convívio com outros seres humanos. E é nesse processo que aprendemos a ser gente, porque convivemos com gente. Educar para Freire (1983a) é “construir gente”, humanizar os humanos na luta em denunciar e superar os elementos desumanizadores. (ECCO & NOGARO, 2013, p.11336)

Rodrigues (2013) contribui, nesse sentido, afirmando que:

A educação como processo de humanização busca transformar o homem a partir da apropriação de conhecimentos científicos e que foram produzidos intencionalmente pelo conjunto dos homens. Praticamente, é possibilitar que o indivíduo passe de um estado vegetativo de inércia, para um estado de evolução consciente, capaz de transformar uma prática alienante de enxergar as diversas situações sociais, para uma prática revolucionária de mudanças por meio de conhecimentos adquiridos. (RODRIGUES, 2013)

Concretamente, isso acontece na ação cotidiana da escola, nas aulas, nas reuniões, no trabalho pedagógico e administrativo, enfim, no conjunto de toda a vida escolar. Toda a escola tem a missão de educar humanizando para fazer valer os princípios da igualdade, da convivência fraterna, da reciprocidade e da solidariedade ativa para a promoção de uma pessoa humana plena.

A escola existe para desenvolver as potencialidades ontológicas da pessoa, para que ela venha a se tornar humana; é sua missão de “[...] fazer emergir, não o mais

fácil, não o instintivo, mas o melhor de si mesmo, não somente para a vida plena, [...] mas para que a vida dos que já existem e dos que virão, seja melhor que a que conhecemos” (BAZARRA, 2008, p.89).

[...] seja dada à criança a possibilidade de formar-se, de tornar-se um homem, de adquirir os critérios gerais que sirvam ao desenvolvimento do seu caráter. Uma escola que não hipoteque o futuro da criança e constranja a sua vontade, sua inteligência, sua consciência em formação a mover-se dentro de uma bitola. Uma escola de liberdade e de livre iniciativa e não uma escola de servidão e mecanicidade. (GRANSCI, apud BARBOSA, 2001, p.23)

A escola é o lugar do diálogo franco e verdadeiro, dos saberes, onde alunos, famílias, professores e todas as pessoas que nela trabalham somam-se na missão educativa. Freire já dizia que “ninguém educa ninguém, como tão pouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 1987, p.79).

É certo, porém, que é a relação professor – alunos que traz o maior foco na realidade da escola. Primar por uma relação de qualidade e comprometimento por ambas as partes é o sonho de toda instituição escolar. E mesmo, em muitos lugares, a realidade sendo outra (como já foi apresentado anteriormente neste artigo) o sonho permanece e o trabalho assíduo para que sejam superadas todas as dificuldades é sempre ativo.

Nesse sentido, faz-se necessário deixar claro que, na relação aluno-professor, este último tem a responsabilidade maior, já que é uma pessoa já adulta, com muito mais conteúdos conceituais e com maior vivência, formado para transmitir uma ou mais ciências importantes para a aquisição do saber do aluno.

Contudo, o professor não transmite somente as ciências. Junto a essas, existe também a transmissão de valores, ideais, perspectivas de vida. Isto é inevitável, pois todo ser humano age segundo aquilo que acredita, e essa atitude ajuda na formação da consciência comum.

Valores como a coerência, a reflexão, a simplicidade, a amorosidade, o diálogo, a convicção, a esperança, entre outras, são virtudes necessárias ao educador na perspectiva de uma educação humanizadora; assim como, a solidariedade, a comunhão, a ética [...] são defesas enfáticas na pedagogia proposta pelo mesmo

autor ao referir-se à formação humana, à educação, pois educamo-nos um com o outro, em comum (cf. ECCO & NOGARO, 2013, p.11340).

De acordo com Vasconcellos (2001, p.41): “Todo o trabalho em sala de aula que fazemos com o conhecimento, tanto em termos de forma quanto de conteúdo, deve estar vinculado a esta finalidade maior da escola que é compromisso com a humanização”.

Bazzara (2006) afirma que humanizar é acreditar nas potencialidades dos alunos:

Humanizar é crer, é confiar no ser humano. É estar disposto, permanentemente, engrandecendo em todos e em cada um de nossos alunos, a globalidade de suas potencialidades, isto é, aumentar neles o potencial de inteligência, de sensibilidade, de solidariedade e de ternura que se esconde em sua humanidade. (BAZZARA, 2006, p.08)

Desse modo, humanizar é acolher, tornar a pessoa mais humana, e a escola precisa ser referência de humanização e de possibilidade de vida, principalmente em um contexto histórico como o que se vive na contemporaneidade. A educação tem por desafio o desenvolvimento integral do ser humano. Morin ressalta que: “Uma educação só pode ser viável se for uma educação integral do ser humano. Uma educação que se dirige à totalidade aberta do ser humano e não apenas a um dos seus componentes” (MORIN, 2002a, p.11).

Nessa perspectiva, Esteve afirma: “Há tempo descobri que o objetivo último de um professor é ser mestre de humanidade. A única coisa que importa de verdade é ajudar nossos alunos a compreender a si mesmos, a entender o mundo que os rodeia e nele encontrar um lugar próprio” (2004, p.17).

O papel do aluno, assim, é assumir-se como ser histórico e social, como ser pensante, comunicante, transformador, criador e realizador de utopias. Cabe reconhecer-se como ser histórico-cultural, consciente das possibilidades que representa na luta contra a negação da existência humana. Juntos, professores e alunos podem perceber criticamente as razões que condicionam as situações nas quais se encontram como caminho para decisões, escolhas e intervenções.

Juntos, professores e alunos ensinam e aprendem simultaneamente, conhecem o mundo em que vivem criticamente e constroem relações de respeito mútuo e de

justiça, constituindo um clima real de disciplina por relações dialógicas; tornando a sala de aula um desafio interessante a todos os envolvidos. “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender” (Freire, 1996, p.38).

A prática educativa na sala de aula está vinculada à afetividade, a alegrias, ao domínio de conscientização acerca dos condicionamentos, assim como de suas possíveis transformações. Dessa forma, faz-se necessário um outro passo nesta reflexão: o de constatar as reais possibilidades de um educar integrado e humanizado nesta realidade contemporânea. Teoria sem a possibilidade de uma prática concreta não acrescenta efetivamente para a experiência de uma educação humanizadora.

Caminhos novos e ousados são importantes, pois o que está em jogo é a realização da pessoa humana. Como afirma Zagury toda escola deve “[...] acreditar no potencial do ser humano, na real capacidade de vencer e superar seus problemas e deficiências [...]” (2006, p.47).

## **AS POSSIBILIDADES DE UM EDUCAR INTEGRADO E HUMANIZADO**

Novas perspectivas e horizontes nascem todos os dias na existência humana, já que a vida é dinâmica e a história nos desafia constantemente. A educação, como parte da essência humana, dessa forma, também torna-se dinâmica, desafiadora e, também desafiada.

A contemporaneidade, como já visto, trouxe novos paradigmas e conceitos a serem inseridos no mundo da educação, da escola. Já bem dizem Labes e Weiduschat (2004) sobre “Repensar a escola”: “requer uma sintonia maior entre o pensar e o sentir para poder associar o conhecimento e o afeto, o pensamento e os sentimentos, o raciocínio e a moralidade, o acadêmico e a pessoa, as aprendizagens e os valores: estamos falando da construção de uma educação integral” (2004., p.2).

De acordo com Tinoco (2002):

[...] a escola atual não atende às necessidades dos alunos de hoje, pois se mantém na função de informador, quando deveria ser o formador do aluno.

Escolas que passam conhecimento e/ou habilidades sem dizer o que se faz com elas não preparam o aluno para adquirir por si novas informações quando necessário. (TINOCO, 2002, p.29)

A escola deve ser o espaço em que o aluno aprende a buscar e utilizar o conhecimento e promover a socialização, formando um ser autônomo e crítico, explorando a imaginação, o raciocínio, a habilidade, o senso estético e a capacidade de comunicação. Assim, a escola é um laboratório de vida a partir do conhecimento, transmissora do saber acumulado em uma determinada sociedade, local de recriação e crítica desse saber.

Teixeira (1994, p.33) afirma que “uma boa escola bem poderá substituir sofisticadas penitenciárias, tanto quanto um lar bem ajustado imporá a transformação da sociedade, coroando o mundo com bênçãos de saúde e renovação para o futuro”. Isso faz pensar que a escola precisa ser um lugar atraente, onde o aluno seja agente do processo, faça perguntas, pesquise, descubra, crie, aprenda, enquanto a construção do conhecimento acontece dentro de uma nova prática pedagógica, na qual a busca pelo aperfeiçoamento se faz em conjunto entre o educador e o educando.

Morin (2002b, p.65) ressalta que:

A EDUCAÇÃO deve contribuir para a autoformação da pessoa (ensinar a assumir a condição humana, ensinar a viver) e ensinar como se tornar um cidadão. Um cidadão é definido, em uma democracia, por sua solidariedade e responsabilidade em relação a sua pátria. O que supõe nele o enraizamento de sua identidade nacional.

Uma educação que desenvolva a cidadania, a maturação e a emancipação das pessoas, em que elas se tornem sujeitos ativos e participantes da própria história e da história do mundo no qual vive. Uma responsabilização maior do que somente com o próprio umbigo, mais voltada para a preocupação da casa comum (relação sujeito/cosmo, sujeito/cidade, sujeito/escola), da história comum e variada, que é a que a humanidade vai tecendo ao longo dos seus dias.

Esse processo humaniza, porque traz para o cotidiano escolar do aluno as situações reais da vida, e ele aprende a lidar com as matérias acadêmicas transformando-as em instrumentos para viver o cotidiano. Esta é a formação de um novo sujeito histórico, no qual desejos pessoais são marcados por opções éticas e valores

humanizadores. Os professores, dentro desse processo, como bem afirma Trevisol (2008, p.117) “[...] são facilitadores de humanização autêntica na mais digna tarefa de fazer o ser humano sentir-se humano”.

Sommer (2007) salienta concepções postas no cotidiano escolar e traz reflexões sobre o papel do professor como sendo o responsável por organizar o ambiente de aprendizagem, por administrar as aprendizagens dos alunos e garantir a produção da aprendizagem.

Portanto, Maria Lopes (2015, p.189), citando Roldão (2003, p.56), é fundamental adotar algumas novas práticas pedagógicas nesta “nova” maneira de ser escola, tais como:

1. Organização do trabalho dos alunos, do espaço e do tempo escolar, em formatos diversos (pequeno grupo, pares, seminário e apresentações por professores e alunos, horas e tempos dedicados a atividades determinadas e a tarefas flexíveis).
2. Organização do trabalho dos professores em termos de (1) disponibilização consistente e organizada de saber científico e de modos de a ele aceder; (2) passagem de informação estruturante; (3) apoio/tutorização de grupos de alunos por professores que orientem os percursos de aprendizagem individuais e as interações dos alunos na construção de saber; (4) dispositivos constantes de *regulação do trabalho* desenvolvido e das *aquisições e sua apropriação* e uso por todos os alunos. (ROLDÃO, 2003, p.56)

Outro fator imprescindível é a comunicação dialógica na sala de aula: que implica, também, o silêncio. Quem tem o que dizer deve saber que não é o único que o tem, de forma a sempre incentivar, questionar e desafiar os outros para que digam, respondam, participem. Implica disponibilidade para a escuta, com pleno direito de discordar, de se opor, de se posicionar e debater por meio de argumentos.

O diálogo não reduz um ao outro, nem se torna um favor que um faz ao outro, ao contrário, implica respeito fundamental dos sujeitos nele engajados. Para Freire (2014), o diálogo, enquanto relação democrática, é a possibilidade que dispomos de interagir com o pensar dos outros, para não fenecer no isolamento, já que o diálogo tem significação quando estamos juntos uns aos outros. A educação, estando a serviço do processo de humanização, não pode se fazer sem diálogo, já que esse consiste na atitude essencial humanizadora, por meio da qual o homem ultrapassa a condição de objeto e realiza-se plenamente como sujeito.

Oliveira e Santos (2007) tratam sobre o conceito do diálogo a partir das práticas pedagógicas. O diálogo com os educandos adquire uma dimensão metodológica no trato pedagógico da cultura amazônica. O papel do educador é compartilhar o conhecimento e a cultura de forma interdisciplinar, respeitando os saberes e as manifestações culturais dos educandos. A metodologia utilizada pelos educadores está centrada no diálogo, no incentivo às expressões orais e escritas dos educandos por meio de temas sociais e de interesses dos educandos e, também, por meio de músicas, de dramatizações, poemas, leituras de textos e passeios a pontos turísticos da cidade de Belém.

Essas, como tantas outras, são tentativas de colocar em prática o desejo de reafirmam o papel da escola dentro da vida humana. Uma escola que olha a diversidade e os valores humanos, que corresponde às mudanças socioeconômicas, políticas e culturais na era da informação e do conhecimento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O cotidiano escolar expressa o universo de múltiplas possibilidades e desejos, desafios e conquistas, superações e novas perspectivas. É a vida sendo tecida no desenrolar do tempo. É a vida sendo respeitada ou violentada nas pequenas, sutis ou suntuosas práticas educativas. O que é mais significativo: os resultados acadêmicos ou a construção de um ser pessoa humana, capaz de dialogar, viver e respeitar as lógicas da vida e da convivência?

É imprescindível que os educadores trabalhem a favor da função/missão da Escola, fazendo dela um local, por primazia, voltado à construção da pessoa, em sua integridade, humanizada; explicitando a importância das relações humanas, mediadas pela afetividade e amizade; intensificando o relacionamento da equipe gestora com funcionários, alunos, professores e pais.

As relações afetivas são essenciais para a construção do conhecimento e as experiências humanizadoras vivenciadas pelos alunos dentro da escola deixam marcas engrandecedoras em suas almas e corações, de modo que, com certeza,



jamais serão esquecidas. É primordial reforçar que só nos tornamos humanos através do contato e da interação com os demais seres humanos.

Assim, na expectativa de uma sociedade menos desumana, concorda-se com Rossato (2007, p. 216) quando ele afirma que “[...] quando a educação se desumaniza, deixa de ser um processo de construção do homem, para voltar-se contra o próprio homem e tornar-se uma negação do próprio processo de educação”.

A educação deve cooperar para que haja o desenvolvimento de um ser mais integralmente humano, porque a educação autêntica é aquela que propicia alcançar a plenitude do ser.

Salvaguardando o ato de educar na perspectiva da humanização dos sujeitos envolvidos no processo educacional, concorda-se com o posicionamento de Gramsci, quando ele afirma que

[...] seja dada à criança a possibilidade de formar-se, de tornar-se um homem, de adquirir os critérios gerais que sirvam ao desenvolvimento do seu caráter. Uma escola que não hipoteque o futuro da criança e constranja a sua vontade, sua inteligência, sua consciência em formação a mover-se dentro de uma bitola. Uma escola de liberdade e de livre iniciativa e não uma escola de servidão e mecanicidade. (GRAMSCI, apud BARBOSA, 2001, p. 23)

Ao educar para a construção de todas as dimensões do ser humano, inverte-se a lógica da “especialização de mão de obra”, dando a oportunidade de mulheres e homens assumirem a humanização através do amor, da imparcialidade, da solidariedade e do respeito às diferenças.

O ato de educar não é conhecido simplesmente como uma reprodução de sistemas de ensino, mas passa pela compreensão da formação cognitiva/emocional por meio de uma educação humanizadora. Afinal, para que o processo educativo ocorra, é necessário que haja vínculos entre professor e aluno, pois, segundo Arroyo (2004):

Como ensinar-aprender a ser humanos os desumanizados? Começar por equacionar pedagogicamente os limites, as possibilidades vividas pelos educandos que temos, não que sonhamos e gostaríamos de ter. Se esses limites raiam as fronteiras da desumanização, entender que a primeira tarefa da escola e nossa tarefa é que o pouco tempo de escola não seja uma experiência a mais de desumanização, de trituração de suas esperanças roubadas

de chegar a ser alguém. A escola pode ser menos desumanizadora do que a rua, a moradia, a fome, a violência, o trabalho forçado, mas reconhecamos, ainda, as estruturas, rituais, normas, disciplinas, reprovações e repetências na escola são desumanizadores. (ARROYO, 2004, p.59)

Já existe dentro de algumas poucas escolas um movimento para a inserção de práticas humanizadoras no cotidiano escolar. Essas práticas são primordiais para a caminhada de construção de um novo mundo, mas ainda é necessário pensar em metodologias mais ativas e em novas instâncias na formação dos profissionais de educação, porque o lado *humano* vem tornando-se cada vez mais necessário para uma educação integrada e eficaz.

Na percepção de Freire (2001, p.155), “Ninguém caminha sem aprender a caminhar, sem aprender a fazer o caminho caminhando, sem aprender a refazer, a retocar o sonho, por causa do qual a gente se pôs a caminhar”. Não se deve deixar morrer a esperança de construir novos caminhos para a educação.

As transformações almejadas requerem um novo olhar para a educação e para a Escola, cientes de que a real mudança deve se iniciar em cada pessoa envolvida nos processos educacionais. Assim em um empenho coletivo, será possível construir não só uma escola, mas também um mundo melhor, ecoando com confiança o comprometimento com uma educação que realmente transforma, humaniza e é engajada com a vida.

## REFERÊNCIAS

AQUINO, J. R. G. (org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Sumus, 1996.

ARROYO, M. Currículo e a pedagogia de Paulo Freire. In. **Caderno pedagógico 2: Semana Pedagógica Paulo Freire**. Porto Alegre: Corag, 2001.

\_\_\_\_\_. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. 7. Ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

ASSMANN, H. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. 5. Ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

BARBOSA, C. L. A. **Educação Física Escolar**: as representações sociais. Rio de Janeiro: Shape, 2001.

BAUMAN, Zigmunt. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

\_\_\_\_\_. **Vida para consumo**. A transformação das pessoas em mercadoria. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

BAZARRA, Lourdes. **Ser professor e dirigir professores em tempos de mudanças**. São Paulo: Paulinas, 2006.

BECK, U.; GIDDENS, A. e LASH, S. **Modernização reflexiva**. Política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Unesp, 1997.

BELUZZO, Regina Célia Baptista. A educação na sociedade do conhecimento. In. **Educação na sociedade de informação**. Disponível em: <<http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=10&texto=501>>. Acesso em: 03 dez. 2017.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Projeto Periferia. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>>. Acesso em: 30 jan. 2018.

DEMO, Pedro. **Educação hoje**: “Novas” Tecnologias, pressões e oportunidades. São Paulo: Atlas, 2009.

ECCO, Idanir; NOGARO, Arnaldo. **Paulo Freire**: Da Concepção de educação e das virtudes do educador para uma educação humanizadora. Disponível em: <[http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7364\\_4843.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2013/7364_4843.pdf)>. Acesso em: 15 nov. 2017.

ESTEVE, José M. **A terceira revolução educacional**: a educação na sociedade do conhecimento. São Paulo: Moderna, 2004.

FLACH, C. R. C.; BEHRENS, M. A. **Paradigmas educacionais e sua influência na prática pedagógica**. Disponível em:

<[http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/541\\_365.pdf](http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/541_365.pdf)>. Acesso em: 24 mar. 2018.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Paz e Terra. 12. Ed. Disponível em: <[www.dhnet.org.br/direitos/.../paulofreire/paulo\\_freire\\_educacao\\_e\\_mudanca.pdf](http://www.dhnet.org.br/direitos/.../paulofreire/paulo_freire_educacao_e_mudanca.pdf)>. Acesso em: 23 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz & Terra, 2014.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a pedagogia do oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da liberdade**. 23. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2002.

GIOVANETTI, J. P. Desafios do Terapeuta Existencial Hoje. In: Angerami-Camon, V. A. **A Prática da Psicoterapia**, São Paulo: Pioneira, 1999.

HENGEMUHLE, Adelar. **Gestão de ensino e práticas pedagógicas**. Petrópolis: Vozes, 2004.

JUNIOR, Marcelo Gomes Pereira. **Subjetividade e personalidade na contemporaneidade**. Disponível em: <[http://fgr.org.br/admin/artigos/trab\\_2011723842019317152026180731.pdf](http://fgr.org.br/admin/artigos/trab_2011723842019317152026180731.pdf)>. Acesso em: 26 dez. 2017.

LABES, Vera Evelin Kriek; Weiduschat, Íris. **Repensar a Escola**: por mudanças pedagógicas humanizadoras na escola do século XXI. Disponível em: <<file:///C:/Users/marce/OneDrive/Documentos/Relações%20humanizadoras/Repensar%20a%20escola.pdf>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

LASCH, Christopher, **A cultura do narcisismo**. Rio de Janeiro: Imago editora, 1983. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/151629678/A-Cultura-Do-Narcisismo-Christopher-Lasch>>. Acesso em: 03 jan. 2018.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**: Coleção magistério, série formação do professor. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_. **Didática**. São Paulo: Cortez, 2014.

LOPES, Maria. **A crise da escola**: o (re)pensar de uma outra escola face aos desafios do século XXI. Revista Iberoamericana de Educación / Revista Iberoamericana de Educação. Vol. 69, núm. 1 (15/09/15). Disponível em: <<https://rieoei.org/historico/deloslectores/6990.pdf>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

MORAES, Maria Cândida. **O paradigma educacional emergente**. 10. Ed. Campinas: Papirus, 2004.

MORAN, José Manuel. **A Educação que desejamos**: novos desafios e como chegar lá. São Paulo: Papirus, 2007.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo/Brasília: Cortez/UNESCO, 2002.

\_\_\_\_\_. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MURAD, Afonso. **Formar para a fidelidade numa cultura “light”**. Disponível em: <<http://www.faculdadejesuita.faje.edu.br/documentos/081111Formar%20na%20cultura%20light.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2017.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno; SANTOS, Tânia Regina Lobato. **A cultura amazônica em práticas pedagógicas de educadores populares**. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/sites/default/files/gt06-3039-int.pdf>>. Acesso em: 20 mar. 2018.

PIRES, J. Herculano. **Nascimento da Educação Espírita**. In Revista Educação Espírita. São Paulo, v3, out./nov. 1972.

RODRIGUES, Maria Inez. **A Educação como processo de humanização**. Disponível em: <<http://www.zenieduca.blogspot.com.br/2013/06/a-educacao-como-processo-de-humanizacao.html>>. Acesso em: 09 out. 2017.

ROJAS, Enrique. **O homem moderno: A luta contra o vazio**. São Paulo: Mandarim, 1996.

ROLDÃO, M. C. **Diferenciação curricular revisitada: Conceitos, discursos e praxis**. Porto: Porto Editora, 2003.

ROSSATO, R. A. desumanização da educação. In. HENZ, C. I; Rossato, R. \_\_\_\_\_. **Educação humanizadora na sociedade globalizada**. Santa Maria: Biblos, 2007.

ROUSSEAU, Jean Jacques. **Emílio ou da Educação**. 2. Ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1973.

SAVATER, F. **O valor de educar**. São Paulo: Planeta Brasil, 2005.

SILVA, Nelma Albino. **A importância da afetividade na relação professor-aluno**. 44 f. Dissertação. UFRJ, Rio de Janeiro, 2013. Disponível em: <<http://monografias.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/a-importancia-afetividade-na-relacao-professor-aluno.htm>>. Acesso em: 15 nov. 2017.

SOMMER, Luiz Henrique. **A ordem do discurso escolar**. Revista Brasileira de Educação. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v12n34/a05v1234.pdf>>. Acesso em: 21 mar. 2018.

SPAGOLLA, Rosimeiri De Paula. **Afetividade: por uma educação humanizada e humanizadora**. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2343-8.pdf>>. Acesso em: 05 nov. 2017.

STOCHI, Claudia Roberta Rosa. **Qual o papel da educação para a sociedade: formar indivíduos críticos ou especializar mão de obra?** Disponível em: <<https://blog.abmes.org.br/?p=10918>>. Acesso em: 19 jan. 2018.

TEIXEIRA, J. Raul. **Educação e vivências**. Livro espírita psicografado por Camilo. 2. Ed. Niterói: Fráter, 1994.

TINOCO, Mônica Martins. **Da Escola Considerada Como Empresa**. 55 f. Dissertação (Pós-Graduação) – Instituto de Pesquisas Sócio-Pedagógicas, Universidade Cândido Mendes, 2002.

TREVISOL, Jorge. **Educação transpessoal: um jeito de educar a partir da interioridade**. São Paulo: Paulinas, 2008.

VASCONCELLOS, Celso S. **Para onde vai o professor?** Resgate do professor como sujeito de transformação. 8. Ed. São Paulo: Libertad, 2001.

WIEBUSCH, Eloisa Maria. **Escola: espaço de humanização**. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Disponível em: <<https://www2.faccat.br/portal/sites/default/files/wiebusch.pdf>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

ZAGURY, T. **O professor refém: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2006.